

ARTIGO CIENTÍFICO

Percepção do enfermeiro acerca do uso de equipamentos de proteção individual em hospital paraibano

Nurses perception about the use of personal protective equipment in a hospital in parabian

Allan Dillamary Araújo Barbosa

Enfermeiro graduado pelas Faculdades Integradas de Patos-FIP. E-mail: alandilamari@hotmail.com

Allan Martins Ferreira

Enfermeiro, Especialista em Urgência e Emergência, Supervisor do Estágio Curricular de Urgência e Emergência das Faculdades Integradas de Patos – FIP. E-mail: allanmartinsferreira@hotmail.com.

Edmara da Nóbrega Xavier Martins

Enfermeira, Especialista em Urgência e Emergência e em Enfermagem do Trabalho, Supervisora do Estágio Curricular de Urgência e Emergência das Faculdades Integradas de Patos – FIP. E-mail: mara_edmara@hotmail.com

Anne Milane Formiga Bezerra

⁴Enfermeira, Mestre em Sistemas Agroindustriais pela UFCG campus Pombal-PB, docente das Faculdades Integradas de Patos-PB. E-mail: annemilane_pb@hotmail.com

Juliana de Almeida Leandro Bezerra

Enfermeira graduada pelas Faculdades Integradas de Patos-FIP. E-mail: bezerra.almeida.jualmeida@hotmail.com

Resumo: Biossegurança ou segurança biológica é um conjunto de ações voltadas à prevenção e proteção do trabalhador. Uma estratégia utilizada como forma de evitar contaminação no ambiente de trabalho se dar a partir do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Objetivou-se analisar a percepção do enfermeiro sobre o uso e importância do EPI diante da assistência aos pacientes. O trabalho trata-se de um estudo do tipo exploratório-descritivo, com abordagem quantiquantitativa, foi realizado com enfermeiros plantonistas do setor de urgência e emergência de um Hospital Regional paraibano. Conforme os dados observa-se que a maioria dos enfermeiros é do gênero feminino, com faixa etária entre 20 e 30 anos de idade, são especialistas e atuam há dois anos no serviço de emergência. Todos os enfermeiros mostraram conhecimento sobre a importância do uso do EPI, relatando as principais doenças que podem acometê-los caso ocorram episódios de contaminação durante a execução das suas atividades laborais. Alguns dos profissionais afirmaram já se contaminar, sendo o material perfurocortante o que mais causou acidentes. Afirmaram que a instituição oferece a maioria dos EPIs necessários para proteção individual, porém só em algumas circunstâncias fazem uso desses equipamentos. Portanto, pôde-se concluir que tais contaminações poderiam ser evitadas se todos os profissionais fizerem uso dos EPIs em todas as situações que envolvam riscos, pondo em prática o conhecimento relatado, conferindo proteção não só ao profissional como a clientela que procura o serviço.

Palavras-chave: Biossegurança; Equipamento de Proteção Individual (EPI); Segurança no Trabalho.

Abstract: Biosafety or security biological is a set of actions aimed at the prevention and protection of the worker. One strategy used in order to avoid contamination in the work environment it's given from the use of Personal Protective Equipment (PPE). The work it is a study of exploratory-descriptive, with a quantiquantitative approach, was conducted with nurses in the sector of urgency and emergency in a Regional Hospital Paraiba, aiming analysis on the use and importance of PPE when providing patient care. According to data was realized that most nurses are female, aged between 20 and 30 years old, are experts and acting for two years in the emergency department. All nurses showed knowledge about the importance of using PPE, reporting major diseases that can affect them in case occur contamination episodes during the execution of their work activities. Some professionals said they already been contaminated, being the material pierce cutter which caused more accidents. They stated that the institution offers the majority of PPEs required for personal protection, but only in some circumstances they make use of such equipment. Therefore, it was concluded that such contamination could be avoided if all professionals make use of PPE in all situations involving risk, putting into practice the knowledge reported, providing protection not only to the professional as customers seeking service.

Keywords: Biosafety; Personal Protective Equipment (PPE); Safety at work.



INTRODUÇÃO

Biossegurança é o conjunto de medidas e ações voltadas à prevenção e à proteção do trabalhador. É uma estratégia utilizada com o objetivo de diminuir os riscos presentes nas atividades por ele desenvolvidas, e relacionadas ao seu ambiente de trabalho. O setor de urgência e emergência, por sua vez, é um ambiente considerado insalubre, por abrigar pessoas com diversos tipos de doenças infectocontagiosas e pelos riscos inerentes aos procedimentos realizados pelos profissionais de saúde.

No setor de urgência e emergência os riscos aumentam devido ao fluxo de pacientes que chegam ao hospital com doenças ainda não diagnosticadas, como também pelo elevado número de politraumatizados que dão entrada diariamente, expondo o profissional, que muitas vezes trata a situação de forma corriqueira, não dando a devida importância aos riscos ocupacionais e negligenciando o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI).

Os profissionais de saúde, entre eles o enfermeiro, estão em constante risco de contaminação, por terem contato direto com secreções e eliminações provenientes dos pacientes. Estão inseridos em um ambiente com vasta diversidade de micro-organismos, necessitando sempre dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), como forma de proteger-se e minimizar a chance de contraírem doenças. Quando adotados os EPIs e utilizados de forma correta, os enfermeiros evitam grandes complicações com relação a sua saúde.

A Norma Regulamentadora 32, estabelece medidas de proteção e segurança destinadas a trabalhadores em serviço de saúde, adotando para cada situação de risco medidas preventivas e a capacitação dos trabalhadores para o exercício seguro das suas atividades (BRASIL, 2005).

Para Correa e Donato (2007) a lavagem das mãos é uma medida simples de biossegurança, que quando adotada pelo profissional, principalmente de enfermagem, reduz o índice de infecção hospitalar e protege à sua própria saúde. Outra medida importante é o uso de equipamentos de proteção destinados a proteger dos riscos aos quais estão sendo submetidos ao realizar certos procedimentos de rotina com o cliente, como uso de avental ou jalecos, óculos, máscaras, entre outros.

O enfermeiro ao realizar suas atividades laborais deve utilizar os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) disponíveis no seu ambiente de trabalho, tendo consciência da forma correta de uso e da validade dos mesmos, evitando ao máximo se acidentarem ao prestar assistência ao paciente. Acidentes de trabalho com material biológico ocorrem pelo contato com fluidos, secreções corporais e sangue, sendo os dispositivos com perfuro cortantes como: agulhas, cateteres intravenosos e lâminas de bisturi os meios de maior número de contaminações (RAPPARINI, 2010).

Tendo em vista o risco de contaminação por agentes biológicos e a importância dos meios de proteção associado aos profissionais de enfermagem trabalhando sem proteção, pondo em risco sua própria saúde, objetivou-se analisar a percepção de um grupo de enfermeiros do setor de urgência e emergência acerca do

uso correto e da importância do EPI no seu ambiente de trabalho, identificando a ocorrência de acidentes de trabalho e o meio de contaminação mais comum.

METODOLOGIA

A pesquisa foi do tipo exploratória e descritiva, com abordagem quantiqualitativa. Foi realizada com enfermeiros plantonistas do setor de urgência e emergência de um Hospital Regional, localizado no interior da Paraíba.

A população foi composta por 24 enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência, no qual está dividida em quatro setores: área vermelha (emergência), área amarela e área verde (urgência) e classificação de risco. A amostra foi composta por 18 profissionais que aceitaram participar do estudo através do preenchimento do TCLE. Foram inclusos na pesquisa todos os enfermeiros da urgência e emergência, que estavam de plantão no momento da entrevista, e que aceitaram participar da pesquisa. Não participaram do estudo os enfermeiros que não trabalham no setor supracitado do hospital em estudo, que não estiveram de plantão no momento da pesquisa ou não estavam disponíveis por licença, gravidez, motivos de saúde e outros.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário com questões objetivas e subjetivas composto por dados socioeconômicos e demográficos, na primeira parte, e na segunda, dados referentes ao objetivo do estudo.

Antes do início da coleta de dados, foi feita a leitura e os esclarecimentos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deixando livre a decisão dos mesmos(as) em participarem ou não da pesquisa, podendo ainda, desistir em qualquer fase do estudo.

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa das Faculdades Integradas de Patos – FIP, localizada no município de Patos – PB, onde obteve o consentimento legal para realização da pesquisa de acordo com os princípios éticos, através do Protocolo de nº 100/2012. A pesquisa foi norteada levando em consideração os aspectos éticos em pesquisas que envolvam seres humanos, conforme descrito na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme os dados expressos na Tabela 1, observa-se os dados sócios- demográficos dos enfermeiros atuantes no setor de urgência e emergência, nos quais foram caracterizados quanto ao gênero, faixa etária, titulação profissional e tempo de atuação no serviço de emergência. De acordo com o gênero, verifica-se que 83,4% dos entrevistados são do sexo feminino e 16,6% do sexo masculino. Quanto à faixa etária, 11,1% estão com idade entre 20 e 25 anos, 44,5% entre 26 e 30, 22,2% entre 31 e 35 anos de idade, 11,1% com faixa etária variando entre 36 e 40 anos e 11,1% com mais de 40 anos de idade.

Tabela 1. Dados sócio-demográficos de enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba

Características Sócio-demográficas	Especificações	F	%
Gênero	Masculino	3	16,6
	Feminino	15	83,4
Faixa etária	20 – 25 anos	2	11,1
	26 – 30 anos	8	44,5
	31 – 35 anos	4	22,2
	36 – 40 anos	2	11,1
	Mais de 40 anos	2	11,1
Titulação profissional	Graduado	6	33,3
	Especialista	12	66,7
	Mestre	0	0
	Doutor	0	0
Tempo de atuação no serviço de emergência	1 ano	4	22,2
	2 anos	10	55,6
	3 anos	0	0
	Mais de 3 anos	4	22,2
TOTAL	-	18	100

Observou-se que o sexo feminino foi majoritário, confirmando que nas instituições de saúde, de um modo geral, as enfermeiras estão quantitativamente em maior número, pois historicamente as atividades voltadas ao cuidar sempre foram atribuídas à mulher, desta forma a profissão foi se tornando eminentemente feminina (SIMÕES; AMÂNCIO, 2004).

É notória uma maioria jovem entre os entrevistados, esse fator pode estar relacionado com o crescente aumento das Faculdades de Enfermagem abertas nos últimos anos e também pela oportunidade que o mercado de trabalho está oferecendo aos profissionais recém-formados.

No que diz respeito à titulação profissional observa-se que 33,3% dos participantes do são graduados, enquanto que 66,7% são especialistas. Foram nulas as respostas para mestres e doutores entre os enfermeiros participantes do estudo.

A maioria dos profissionais entrevistados é especialista, um fato importante visto que a continuidade nos estudos após a graduação é essencial para um melhor conhecimento científico e desempenho das suas funções. A qualidade na prestação do serviço é sinônimo de responsabilidade. Investir na qualificação contribui para que o conhecimento da pessoa seja ampliado, preparando-a para o mercado de trabalho (GALANTE, 2005).

Com relação ao tempo de atuação no serviço de emergência, nota-se que 22,2% dos participantes do estudo atuam no setor há apenas 1 ano, 55,5% atuam há 2 anos e 22,2% atuam há mais de 3 anos no serviço de emergência.

Essa característica de que a maioria dos profissionais entrevistados atua à pouco tempo no serviço possui duas vertentes: o enfermeiro com pouco tempo de graduação pode acrescentar seus conhecimentos e técnicas atualizadas, bem como, trabalhar da forma correta seguindo protocolos, porém no serviço de emergência essa característica pode ser negativa, visto que esses

profissionais necessitam de experiência nesse tipo de serviço. Do contrário da pesquisa realizada por Gentil et al. (2008) onde afirmam que enfermeiros atuantes em emergência possuem faixa etária entre 30 e 45 anos, ou seja, são profissionais experientes.

Observa-se no Quadro 1, que em relação a importância do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para a execução do trabalho do profissional de enfermagem na urgência alguns relataram que esses utensílios evitam possíveis acidentes e contaminação durante a execução das suas atividades, ajudam na proteção não só do paciente assistido como principalmente do profissional.

O conhecimento dos entrevistados sobre a importância do EPI é importante quando associado ao uso dos mesmos sempre que expostos a situações que ofereçam algum tipo de risco seja este biológico ou não.

Os EPIs são dispositivos de uso individual destinados a proteger o profissional mantendo a integridade física e a saúde do trabalhador. Existem vários tipos de EPIs podendo ser classificados segundo a parte do corpo que se protege: proteção para a cabeça, proteção para o corpo, dos membros superiores e dos membros inferiores. Os EPIs mais utilizados pelos profissionais de saúde são: as luvas, a máscara facial, a touca, os óculos de proteção, os protetores auriculares, o jaleco e o avental (MURADIAN, 2002).

Utilizados de forma combinada ou não, os EPIs visam minimizar a disseminação de micro-organismos e proteger as áreas do corpo expostas a material infectante, foi otimizado através das precauções universais, também conhecidas como básicas ou padrão, referindo-se as precauções com sangue e líquidos corpóreos. Essas precauções devem ser utilizadas em todos os pacientes independentes dos fatores de risco ou doença de base (SEQUEIRA, 2001).

O Quadro 2 refere-se ao entendimento dos participantes sobre as doenças e outras complicações

desencadeadas a partir da não utilização dos EPIs pelos profissionais enfermeiros do setor de urgência e emergência. Observa-se que os profissionais envolvidos na pesquisa relataram a pneumonia, a tuberculose, o vírus HIV e outras doenças que acometem a pele como as

principais complicações decorrentes do uso inadequado do EPI. Assim como a possibilidade de adquirir doenças contagiosas, relataram ainda o risco de infecção cruzada entre pacientes.

Quadro 1. Dados relacionados à importância do EPI por enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba

Questionamento	Discurso do Sujeito
Qual a importância do EPI na execução do seu trabalho?	<p><i>“Equipamento de proteção individual se faz necessário para os trabalhadores se protegerem e evitar possíveis acidentes”... Sujeitos 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 15 e 17.</i></p> <p><i>“Considero o uso de EPIs de extrema importância pela segurança que oferece aos profissionais e ao próprio paciente na prevenção de contaminação”... Sujeitos 5, 7, 14 e 18.</i></p> <p><i>“Para prevenção de eventuais formas de contaminação em ambientes insalubres”... Sujeitos 6 e 13.</i></p> <p><i>“É de extrema importância o uso de EPIs principalmente para os profissionais que trabalham na urgência”... Sujeito 11.</i></p> <p><i>“Proteção, biossegurança individual e coletiva (clientes)”... Sujeito 12.</i></p> <p><i>“A grande importância é que os profissionais estão sujeitos a diversos riscos, sendo esses nas formas químicas, físicas, biológicas e psicossociais. É importante salientar que a forma biológica é a principal causa de contaminações para esses profissionais, se tratando que os mesmos tem contato direto com sangue e líquidos corpóreos e conseqüente manuseio de materiais perfuro cortantes”... Sujeito 16.</i></p>

Quadro 2. Dados relacionados às doenças que podem acometer ao profissional pelo uso incorreto dos EPIs por enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba

Questionamento	Discurso do Sujeito
Que doenças ou outras complicações podem acometer o profissional de saúde que não faz uso correto do EPI?	<p><i>“Risco de contaminação com doenças infectocontagiosas, tais como: pneumonia, tuberculose, HIV, doenças de pele (hanseníase, escabiose)”... Sujeitos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14 e 16.</i></p> <p><i>“Se contaminar com sangue, secreção ou até mesmo adquirir alguma doença ao se contaminar com perfuro cortantes”... Sujeitos 9, 11, 17 e 18.</i></p> <p><i>“As doenças são várias, o não uso ou mau uso do EPI pode causar grandes danos ao profissional”... Sujeito 1.</i></p> <p><i>“Se contaminar além de transmitir uma infecção cruzada para todos os pacientes”... Sujeito 15.</i></p>

Os enfermeiros e demais profissionais da área não podem expor sua própria saúde executando atividades laborais sem proteção, acidentes com material biológico podem trazer danos irreversíveis, alterando definitivamente a qualidade de vida do profissional.

Os profissionais de saúde correm riscos de contrair diversos tipos de infecções no ambiente hospitalar. Esses fatores estão relacionados à prevalência

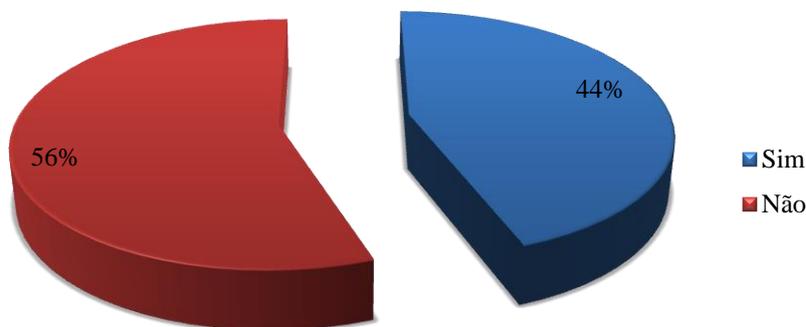
de doenças transmissíveis na população atendida, informações inadequadas sobre os mecanismos de transmissão e prevenção e as condições de segurança. A redução do perigo de exposição aos diversos agentes infecciosos constitui um dos objetivos do programa de trabalho dos profissionais de saúde, que frequentemente tem sido auxiliado pela Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) (VERONESI; FOCACCIA, 2002).

O risco de exposição aos patógenos veiculados pelo sangue, sobretudo aos vírus de imunodeficiência humana (HIV), hepatite B (HBV) e hepatite C (HCV), é proporcional ao manuseio de materiais perfurocortantes e de fluidos orgânicos. Os profissionais de enfermagem formam o maior contingente de trabalhadores na área da saúde e, por prestarem assistência direta e ininterrupta aos

pacientes, diariamente estão expostos a materiais biológicos e perfurocortantes (PIMENTA et al., 2013).

De acordo com a Figura 1, em relação aos profissionais que já se contaminaram durante o exercício das suas funções, pôde-se observar 44% afirmam ter se contaminado durante a execução do seu trabalho, enquanto que 56% relataram não terem se contaminado.

Figura 1. Dados relacionados à contaminação do profissional no setor de trabalho por enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba



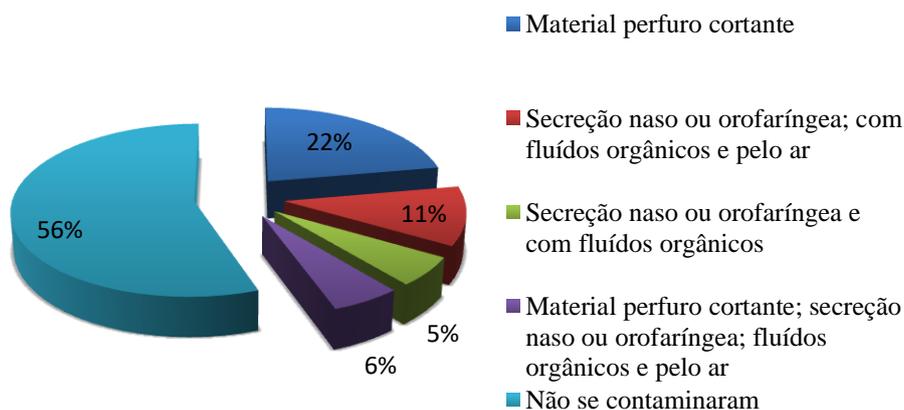
O estudo mostra que um número elevado de profissionais já se contaminou enquanto desenvolvia suas tarefas laborais. Em setores como urgência e emergência um grande número de pacientes, com as mais diversas patologias são admitidos diariamente, dessa forma é importante que os profissionais utilizem de todos os meios possíveis para prevenir tais acidentes, zelando assim, por sua segurança. Realizar procedimentos com cautela e fazer uso de EPI diminui consideravelmente o índice de acidentes.

Os trabalhadores de enfermagem tornam-se mais vulneráveis a riscos, devido às características da profissão: pelas atividades que são diversas, o manuseio de vários equipamentos, o número elevado de profissionais e o conhecimento insatisfatório da equipe no que se refere aos riscos presentes no seu ambiente de trabalho deixando dessa forma o trabalhador ainda mais exposto a contrair doenças (ESPINDOLA et al., 2008).

Grande parte dos acidentes acontece pela não observância e obediência as normas de segurança, contudo, a prática segura e o uso de equipamentos apropriados reduzem o risco de acidente ocupacional, sendo necessária também a utilização de técnicas assépticas nos procedimentos que garantam ao profissional e ao paciente um tratamento sem risco de contaminação (PENTEADO et al., 2010).

Na Figura 2 verifica-se quanto a origem das contaminações relatadas pelos profissionais, onde nota-se que 22% relataram já se contaminarem com material perfuro cortante, 11% com secreções naso ou orofaríngea, fluidos orgânicos e pelo ar, 5% com secreções naso ou orofaríngea e fluidos orgânicos, 6% com todos os meios possíveis de contaminação e 56% afirmaram nunca terem se contaminado.

Figura 2. Dados relacionados a origem da contaminação relatadas por enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba



Os trabalhadores que se contaminaram com material perfuro cortante como agulhas, cateteres intravenosos e bisturi estiveram predispostos a adquirir doenças graves como o HIV, diferentes tipos de Hepatite, entre outras, devendo estes se preocupar em não só manusear corretamente esses materiais, como desprezá-los em recipientes apropriados. Doenças como tuberculose, pneumonia e meningite podem ser transmitidas através de gotículas presentes nas secreções eliminadas pelo portador da doença e são facilmente transmitidas pelo ar, assim como inúmeras outras doenças transmitidas por contato direto ao paciente, as secreções expelidas pelos mesmos e seus fluídos orgânicos.

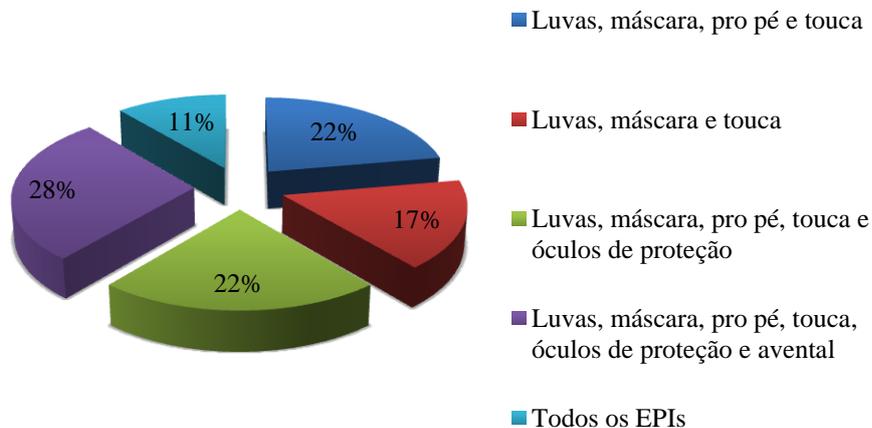
Gomes (2005) afirma que os acidentes ocasionados por perfuração com agulhas correspondem de 80% a 90% das doenças infecciosas entre trabalhadores de saúde e o risco de transmissão de uma agulha contaminada é de um em três para hepatite B, um em trinta para hepatite C e um em trezentos para o HIV. O mesmo autor ainda relata que no Brasil, embora os acidentes de trabalho com exposição a material biológico sejam frequentes, não existe ainda um real diagnóstico do número de trabalhadores acidentados e das consequências causadas por essas injúrias, o que tem dificultado o planejamento e a adoção de medidas preventivas.

Em pacientes portadores de doenças transmitidas pelo ar como é o caso da tuberculose e meningite, deve ser mantido portas e janelas fechadas e o uso de máscaras do tipo N95, pois é capaz de filtrar 95% das partículas inferior a 5mm (SHEIDT et al., 2006).

A maior parte dos enfermeiros entrevistados nunca se contaminou no exercício de suas funções o que mostra um conhecimento eficaz sobre o uso de EPIs e as maneiras de evitar contaminações e infecções cruzadas enquanto desenvolvem suas atividades, devendo ser tidos como exemplo para os demais profissionais que fazem parte da equipe na qual o enfermeiro é responsável (Figura 2).

Em relação aos EPIs disponíveis na instituição em que os entrevistados trabalham pode se observar através dos resultados expostos na Figura 3 que 22% relataram que estão disponíveis: luvas, máscara, pro pé e touca, 17% apenas luvas, máscara e touca, 22% disseram dispor no trabalho: luvas, máscara, pro pé, touca e óculos de proteção, 28% afirmaram ter acesso a luvas, máscara, pro pé, touca, óculos de proteção e avental e apenas 28% relatam que são fornecidos todos os EPIs para realização do seu trabalho.

Figura 3. Dados relacionados aos EPIs disponíveis pela instituição que trabalham os enfermeiros no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba



Pode se observar no estudo, que a instituição disponibiliza EPIs como meio de proteger o profissional, cabendo ao mesmo utilizá-los sempre pensando tanto na sua saúde como na do paciente a ele assistido.

De acordo com a Norma Regulamentadora 6 (NR6) que está direcionada ao EPI, toda empresa é obrigada a fornecer aos empregados, gratuitamente, EPI adequado ao risco, sempre que ocorra riscos de acidentes ou doenças profissionais e do trabalho (BRASIL, 1978).

O uso de máscaras e óculos de proteção deve ser utilizado na realização de procedimentos com o objetivo de proteger a mucosa dos olhos, nariz e boca do profissional contra respingos na forma de gotículas, provenientes da fala, espirro ou tosse do paciente, como também em situações de emergência onde há uma grande quantidade de sangue (OPPERMANN; PIRES; 2003).

As luvas devem ser utilizadas quando o profissional for realizar qualquer procedimento no qual tenha contato com sangue, secreções, excreções e fmites contaminados e também quando houver contato com mucosas ou pele apresentando solução de continuidade. Elas devem ser trocadas a cada procedimento realizado, devendo removê-las sempre de forma adequada evitando a auto-contaminação (BURTON; ENGELKIRK, 2005).

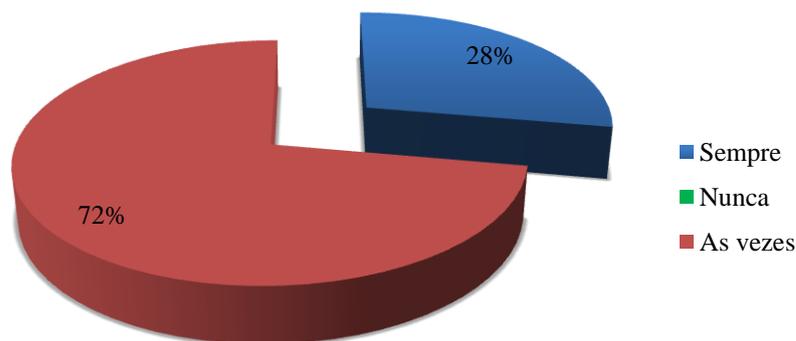
O uso de avental ou capote é recomendado onde se tenha contato com material biológico e superfícies contaminadas e o uso das botas para proteção dos pés em locais com umidade ou com um número elevado de material infectante, como nos centros cirúrgicos e necrotérios (POSSARI, 2004).

Na Figura 4 observa-se a frequência de uso dos EPIs disponibilizados pela instituição onde trabalham pelos profissionais, onde verifica-se que 28% dos

profissionais participantes do estudo afirmam utilizar sempre os equipamentos de proteção, enquanto que 72% relataram utilizarem apenas em algumas situações durante

o trabalho. Não foram registradas respostas quanto a não utilização dos EPIs.

Figura 4. Dados relacionados à utilização dos EPIs por enfermeiros que trabalham no setor de urgência e emergência do hospital na Paraíba



Qualquer paciente admitido no hospital pode oferecer riscos de contaminação ao profissional, portanto o uso de EPIs deve ser utilizado em todas as situações para proteger a saúde do trabalhador, pois uma única situação em que o profissional não esteja devidamente paramentado pode trazer consequências graves à sua saúde.

As precauções universais devem ser seguidas para controle de infecção cruzada, onde seu conceito generaliza que todos os profissionais de saúde são infecciosos. Essas medidas oferecem orientação quanto à realização da lavagem das mãos, do uso de EPIs, limpeza dos equipamentos utilizados durante a prestação da assistência ao cliente, controle do ambiente, manipulação de roupas sujas e manuseio e descarte de materiais perfurocortantes usados (BURTON; ENGELKIRK, 2005).

Não há como se pensar em melhorar a qualidade do atendimento, sem melhorar a qualidade do trabalho em saúde no seu mais amplo sentido. O fornecimento de cuidados de saúde satisfatórios, de maneira desejável tem obrigatória intersecção com a medida de biossegurança, porque se assim não for, o cuidado poderá ser prestado sob uma plêiade de riscos para o profissional e, em subseqüência, também para o próprio usuário do serviço de saúde (PENTEADO et al., 2010).

CONCLUSÕES

Os entrevistados tem consciência da importância dos EPIs e das doenças que podem ser evitadas com o seu uso. A instituição onde trabalham disponibiliza os EPIs necessários à proteção desses trabalhadores, porém foram relatados como maiores causas de contaminações durante a atividade dos enfermeiros os materiais perfurocortantes. Mesmo com EPIs disponíveis muitos utilizam desses equipamentos apenas em algumas situações favorecendo os casos de contaminação. Os EPIs devem ser utilizados em todos os procedimentos visto que, principalmente em setores como urgência e emergência, onde a entrada de novos pacientes é contínua sendo impossível detectar

todas as doenças de imediato, expondo ainda mais esses trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Resolução nº 196/96 de 10 de outubro de 1996. Conselho Nacional de Saúde. Regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério do Trabalho. Portaria nº 3.214, de 08 de junho de 1978. NR 04, NR 05, NR 06, NR 09, NR 13. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília: 1978. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812DC56F8F012DCDAD35721F50/NR06.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2013.

BRASIL, Ministério do Trabalho. Portaria nº 485, de 16 de novembro de 2005. NR 32. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília: 2005. Disponível em: <<http://www.sindsaudejau.com.br/nr-32/nr32-resumo.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2013.

BURTON, G. R. W.; ENGELKIRK, P. G. Microbiologia para ciências da saúde. 7. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CORREA, C.; DONATO, M. Biossegurança em uma Unidade de Terapia Intensiva: a percepção da equipe de enfermagem. Escola Anna Nery [online]. v. 11, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452007000200003>>. Acesso em: 30 de agosto de 2012.

ESPINDOLA, K. K. L.; RAMOS, I. C; LEITÃO, I. M. T. A. Medidas de prevenção e controle de infecção: percepção e conhecimento dos técnicos em radiologia. Ciências, Cuidado e Saúde. v. 7, n. 3, 2008.

GALANTE, A. C. Auditoria do serviço de enfermagem. Goiânia: AB, 2005.

GENTIL, R. C.; RAMOS, L. H.; WHITAKER, I. Y. Nurse's training in prehospital case. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. v. 16, n. 2, 2008.

GOMES, G. P. Prevalência de acidentes de trabalho: o caso do Hospital Universitário de Brasília. Publicações REPAT (Rede de Prevenção de Acidentes de Trabalho). 2005. Disponível em: <<http://repat.eerp.usp.br/publicação/index.php>>. Acesso em: 06 de agosto de 2012.

MURADIAN, A. B. L. Equipamentos de proteção individual e coletiva. In: HIRATA, H. M.; FILHO MANCINI, J. Manual de biossegurança. Cap. 4, p. 57-86, 2002.

OPPERMANN, C. M.; PIRES, L. C. Manual de biossegurança para serviços de saúde. Porto Alegre: PMPA/SMS/CGVS, 2003.

PENTEADO, M. de S.; OLIVEIRA, T. C. Infraestrutura de biossegurança para agentes biológicos em hospitais do sul do Estado da Bahia-Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem*. v. 63, n. 5. Brasília: 2010.

PIMENTA, F. R. FERREIRA, M. D.; GIR, E.; HAYASHIDA, M.; CANINI, S. R. M. da S. Atendimento e seguimento clínico especializado de profissionais de enfermagem acidentados com material biológico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* 2013, vol. 47, n. 1, pp. 198-204. ISSN 0080-6234. 2013.

POSSARI, J. F. Planejamento, organização e gestão em centro cirúrgico. 1. Ed. São Paulo: Iátria, 2004.

RAPPARINI, C. Acidentes do trabalho com material biológico. In: TEIXEIRA, P; VALLE, S. Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar. 2. Ed. Rio de Janeiro: 2010.

SEQUEIRA, E. J. D. Saúde ocupacional e medidas de biossegurança. In: MARTINS, M. A. Manual de infecções hospitalares. 2. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2001.

SIMÕES, J.; AMÂNCIO, L. Gênero e enfermagem: um estudo sobre a minoria masculina. *Sociologia*. v. 2, n. 44, 2004.

SHEIDT, K. L. S.; ROSA, L. R. S.; LIMA, E. F. A. As ações de biossegurança implementadas pelas Comissões de Controle de Infecções Hospitalares. *Revista de Enfermagem da UERJ*. v. 14, n. 3, 2006.

VERONESI, R.; FOCACCIA, R. Tratado de infectologia. 2. Ed, v. 1. São Paulo: Atheneu, 2002.